

PESTALOZZI CINQUENTA ANOS

Em 1972, surgiram em Franca as Faculdades Pestalozzi, as primeiras pela iniciativa privada. Até então, todos os cursos superiores da cidade eram públicos: as Faculdades de Direito e de Ciências Econômicas mantidas pela Prefeitura e a Faculdade de Filosofia e Letras pelo governo estadual (depois transformada em UNESP). Em 1974, recém-formado, foi meu primeiro emprego como professor, convidado pelo diretor Paulo de Tarso Oliveira a dar aulas de desenho nos cursos de comunicação visual e desenho industrial.

A Fundação Educandário Pestalozzi é um dos orgulhos da cidade. Criada a partir de iniciativa do benemérito médico Tomás Novelino, a escola foi construída num grande terreno localizado logo atrás do IETC, que ocupou o antigo “Largo das Cavalhadas”. O terreno, embora grande, estava localizado anexo a uma grande voçoroca e com grande declividade. O bloco inicial em estilo neocolonial ocupou a parte alta do terreno defronte a Rua José Marques Garcia, região da Cidade Nova. Dirigida por Novelino e algumas pessoas ligadas às correntes espíritas da cidade, tornou-se um poderoso contraponto às escolas privadas de caráter confessional frequentadas pela elite local predominantemente católica, como o Colégio Champagnat dos Irmãos Maristas e o Colégio N.S. de Lourdes das irmãs de São José.

Seu modelo de financiamento através da cobrança de mensalidades permitia distribuir bolsas de estudos a alunos carentes e manter uma creche. Posteriormente, a criação de uma fábrica de calçados pela Pestalozzi durante o “boom” do setor na cidade nos anos 60 e 70, deu condições à criação das faculdades em curto espaço de tempo. A lucrativa fábrica de calçados cresceu muito, ocupando grande galpão defronte o prédio da prefeitura, permitindo investir na ampliação das atividades filantrópicas, inclusive a construção de uma nova e grande creche-escola na Avenida Rio Branco, imediações do Distrito Industrial.

As cíclicas crises da indústria e da economia brasileira durante o regime militar levaram à instabilidade econômico-financeira da própria Fundação que, premida por dívidas, optou pela pior solução em relação ao futuro: praticamente entregou os cursos em troca do pagamento de dívidas trabalhistas para uma associação educacional privada cujo objetivo era apenas o lucro mercantil e escassa preocupação com a qualidade do ensino.

Na época, o arquiteto José Luiz Silva tinha projetado a nova creche na Rio Branco e construído o módulo I do futuro campus, localizado ao lado da Rodovia Ronan Rocha, também entregue aos novos donos que ali ergueram o campus da nova universidade privada que se tornou poucos anos depois uma potência educacional. Vejo hoje reabrir a Faculdade Pestalozzi como instituição de ensino superior privada e filantrópica com poucos cursos e fico imaginando que potência teria sido se houvessem insistido um pouco mais anos atrás. Mas isso é história.

Mauro Ferreira é arquiteto